

**Introdução:** Ocorrida em 2009, a pandemia de uma nova variedade de Influenza A foi associada com pneumonia viral grave e insuficiência respiratória. O Brasil apresentou o maior número de casos e de mortes na América do Sul, sendo as regiões Sul e Sudeste as mais afetadas. A identificação de fatores epidemiológicos e clínicos, principalmente os associados com maior gravidade e maior tempo de permanência hospitalar, pode ser útil no manejo dos pacientes, caso ocorra nova onda da doença. **Objetivo:** Descrever o perfil clínico e os preditores clínicos e laboratoriais de permanência hospitalar dos pacientes internados no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) durante a pandemia de Influenza A (H1N1). **Métodos:** Foram avaliados dados clínicos e laboratoriais coletados na admissão hospitalar de 222 pacientes internados entre 15 de julho e 31 de agosto de 2009. Incluíram-se pacientes com quadro clínico de síndrome gripal aguda e critérios para Síndrome Respiratória Aguda Grave, maiores de 14 anos. Pacientes com sintomas gripais nos 30 dias anteriores à internação foram excluídos. Para análise estatística, realizaram-se correlações (Pearson) entre tempo de permanência hospitalar e variáveis clínicas e laboratoriais, com posterior construção de modelo de regressão linear múltipla, utilizando o software SAS 9.2. **Resultados:** Dos 222 pacientes, 75 (33,8%) eram do sexo masculino e 147 (66,2%) do sexo feminino. A idade média dos pacientes foi de  $37,6 \pm 14,3$  anos. As principais comorbidades foram obesidade (21,2%), imunossupressão (18,5%), HAS (18%), asma (14,4%), gestação (12,2%), DPOC (8,1%) e DM (7,2%). As médias dos sinais vitais foram pressão arterial sistólica (PAS)  $126 \pm 25,7$  mmHg, pressão arterial diastólica (PAD)  $74,2 \pm 13,4$  mmHg, frequência cardíaca (FC)  $105,4 \pm 17,5$  bpm, frequência respiratória (FR)  $23,6 \pm 5,2$  mpm e saturação de O<sub>2</sub> (SpO<sub>2</sub>)  $94,2 \pm 7,8$  %. O tempo médio entre o início dos sintomas e o uso de oseltamivir foi de  $3,6 \pm 2,9$  dias. Os resultados de exames laboratoriais foram hemoglobina  $12,8 \pm 1,7$  g/dL, leucócitos totais  $10.012 \pm 5.137$  cél/mm<sup>3</sup>, linfócitos  $1.417 \pm 849$  cél/mm<sup>3</sup>, creatinina  $1,02 \pm 0,99$  mg/dL, uréia  $34,9 \pm 28,7$  mg/dL, CPK  $586,7 \pm 2621$  mg/dL e LDH  $730,9 \pm 1817,2$  mg/dL. O tempo médio de permanência hospitalar foi de  $3,98 \pm 6,39$  dias. As variáveis oximetria de pulso, contagem de linfócitos, LDH e tempo entre início dos sintomas e uso de oseltamivir permaneceram no modelo de regressão, com capacidade de prever o tempo de internação hospitalar de 0,72 ( $p < 0,001$ ). A equação gerada foi tempo de permanência =  $16,6 - 0,18$  (oximetria de pulso) -  $0,0004$ (linfócitos) +  $0,002$ (LDH) +  $1,56$ (número de dias entre início dos sintomas e uso de oseltamivir). **Conclusão:** as variáveis analisadas explicaram parcialmente, cerca de 75%, do tempo de permanência dos pacientes. Outras variáveis, como presença de morbidades clínicas e complicações hospitalares, não contempladas no modelo de análise, potencialmente contribuíram para explicar o tempo de internação. Os dados obtidos podem ser utilizados para estimar alocação de recursos e para promover planejamento hospitalar na ocorrência de novo surto da doença.